

## UMA HISTÓRIA DO CURRÍCULO SOB O OLHAR DA HISTÓRIA DAS DISCIPLINAS ESCOLARES

Neuza Bertoni Pinto  
REAMEC - GHEMAT  
[neuzabertonip@gmail.com](mailto:neuzabertonip@gmail.com)

### Resumo:

Destacando a relação entre a história do currículo e a história das disciplinas escolares, esta comunicação concentra-se nas duas primeiras décadas do século XX, momento em que os debates educacionais se voltam para o papel da escola primária na modernização da sociedade brasileira. Com o objetivo de analisar disputas sobre finalidades da escola primária paranaense e métodos para ensinar Aritmética, foram examinados documentos oficiais e escolares do Paraná, dentre outros, a revista “A Escola” que circulou no estado, no início do século XX. As análises apontam que a busca pela modernização da escola primária pública foi um dos anseios dos intelectuais que tornaram esse periódico um espaço para reflexão (e contestação) de questões educacionais locais, em defesa de um ensino laico, gratuito, expressão de uma prática de igualdade e liberdade. Os discursos emitidos pelos documentos analisados trazem delineamentos sobre as finalidades dos saberes elementares a serem dispensados à população, neles destacando-se a polêmica em relação ao método a ser utilizado no ensino da Aritmética. Mostram que a questão fundamental para a modernização da escola primária não era apenas de ordem pedagógica, mas também de ordem social e política, aspectos que tornam o currículo um instrumento de poder.

**Palavras-chave:** História do Currículo. História das Disciplinas Escolares. Matemática do Ensino Primário. Finalidades da Aritmética.

### Considerações Iniciais

Como um processo social todo currículo tem uma história marcada por lutas e conflitos entre tradições e concepções naturalizadas na sociedade, uma história que não se limita em leis, regulamentos, normas e guias curriculares, mas que vai a procura das diferentes formas como os sujeitos apropriam-se daquilo que é prescrito e legitimado. Assim concebida, a história do currículo não desconsidera o caráter complexo dos conhecimentos nele compreendidos.

Uma história do currículo, sobretudo, não poderia deixar de problematizar conhecimentos, valores e habilidades que marcaram uma época e como tais representações foram constituídas ao longo do período, sendo de suma importância que ela esteja centrada na busca de compreensão da dinâmica que constituiu o currículo enquanto um artefato escolar. “Nessa perspectiva, o currículo deve ser visto não apenas como a *expressão* ou a *representação* ou o *reflexo* de interesses sociais determinados, mas também como produzindo identidades e subjetividades sociais determinadas” (GOODSON, 2012, p.10).

Essa compreensão da história do currículo foi ,assumida por inúmeros estudiosos dentre eles Ivor Goodson, pesquisador da teoria e da história do currículo que tem dirigido seu olhar para processos internos da escola, procurando explicar como as matérias escolares, métodos e planos de ensino constituíram-se em mecanismos para diferenciar estudantes.

Também oferecendo pistas valiosas para as análises das relações complexas entre escola e sociedade, o historiador das disciplinas escolares André Chervel propõe que, para compreender historicamente um currículo escolar, é fundamental examinar seu funcionamento, suas reais finalidades, verificando que essas não são as mesmas encontradas nas normativas legais, no currículo prescrito, uma vez que elas expressam-se somente nas práticas disciplinares, ou seja, no currículo em ação.

Tal preocupação levou o historiador Chervel (1990, p.190) a formular a questão central que tem norteado sua abordagem teórico-metodológica da história das disciplinas escolares: “ porque a escola ensina como ensina ?”. Indagação esta que vem substituindo aquela recorrente questão que os organizadores do currículo geralmente colocam quando tentam inová-lo, ou seja: “o que a escola deveria ensinar?”

Para o historiador, as disciplinas escolares estão no centro do currículo e sua função é, em cada momento histórico, colocar um conteúdo de instrução a serviço da finalidade educativa da instituição. Investigar como as várias disciplinas que integram um curso atendem a finalidade almejada pela escola é um aspecto primordial da história do currículo.

Corroborando com a ideia de Goodson e Chervel de que o currículo não é algo estático, senão um produto social e histórico, portanto, construído, Viñao (2008) ao fazer uma retrospectiva dos trabalhos de Goodson, conclui:

[...]desse modo se consolidaria no mundo anglo-saxônico um campo de investigação – o da história do currículo e dentro dele, às vezes identificando-se com o mesmo, o da história das disciplinas escolares – marcado, é certo, pela obra de Goodson, mas podendo ser observadas outras orientações ou enfoques (VIÑAO, 2008, p. 179).

Reconhecida como núcleo central da cultura escolar, as disciplinas compreendem saberes e condutas que são geradas no interior da escola.

A escola foi sempre concebida como *um lugar de cultura*, primeiramente, segundo uma concepção idealizada de aquisição de conhecimentos e normas “universais”; mais tarde, numa perspectiva crítica de inculcação ideológica e de reprodução social. Tanto num caso como no outro, pouca atenção foi concedida ao trabalho interno de produção de uma *cultura escolar*, que está em relação com o conjunto de culturas em interação em

uma dada sociedade, mas que contém especificidades próprias que não podem ser endereçadas unicamente através do prisma das subdeterminações do mundo exterior (NÓVOA, 1998, p.p. 34-35. Grifos do autor; tradução nossa).

Negar a existência dessa cultura é não reconhecer a ciência da educação, a profissão docente e o ensino enquanto um saber cientificamente construído com os aportes da teoria da educação. Nessa perspectiva, como tem afirmado Chervel (1990), a escola é um espaço criativo e as disciplinas escolares seus espaços genuínos de criação de diferentes campos de conhecimento. Ao colocar em relevo o poder criativo da escola, o historiador desconstrói a imagem de uma instituição passiva, lembrando que o sistema escolar não forma apenas indivíduos mas também produz uma cultura (a escolar) que molda e modifica a cultura da sociedade global.

Também destacando a natureza das disciplinas escolares, Viñao (2008) sugere:

Para o estudo das disciplinas escolares sugiro considerá-las como organismos vivos. As disciplinas não são, com efeito, entidades abstratas com uma essência universal e estática. Nascem e se desenvolvem, evoluem e se transformam, desaparecem, engolem umas às outras, se atraem e se repelem, se desgarram e se unem, competem entre si, se relacionam e intercambiam informações (ou as tomam emprestadas de outras) (VIÑAO, 2008, p. 204).

A história do currículo não se restringe, pois, à história do pensamento curricular, mas à própria história de uma disciplina escolar que segundo Julia (2002), requer que os conteúdos ensinados sejam sempre estudados em relação com seus métodos e suas práticas. “Trata-se do mais difícil, já que geralmente as práticas não deixam nenhum traço escrito e devem, frequentemente, ser identificadas de maneira hipotética” (JULIA, 2002, p. 59).

Olhar um currículo escolar segundo a ótica da história das disciplinas escolares requer visitar documentos oficiais de um determinado período histórico e examinar como tais códigos, regulamentos e programas funcionaram na escola, ou seja, como os agentes escolares, professores e alunos deles se apropriaram em suas lides escolares. Para isso, outros testemunhos curriculares podem ser examinados. São os documentos escolares, livros didáticos, manuais e revistas pedagógicas, cadernos de alunos e professores. Conhecer e proceder a uma observação histórica desses materiais implica em confrontar-se com finalidades almejadas e com finalidades reais de uma disciplina escolar, o que implica saber sobre como os conteúdos prescritos foram realmente apropriados pelos alunos, que métodos favoreceram as aprendizagens almejadas.

Nesse sentido, o currículo apresenta-se como um espaço de disputas de interesses, de dominação e controle. Problematizar tais embates é o objetivo da história do currículo que nos propomos trazer à discussão. Portanto, colocando a história do currículo sob o olhar da história das disciplinas escolares, esta comunicação tem como objetivo analisar relações de poder e disputas envolvidas na Aritmética do ensino primário paranaense, em um momento emblemático da história da escola primária brasileira, o limiar do século XX.

### **Da instrução primária no início do século XX no estado do Paraná**

*O passado é inacabado, no sentido de que o futuro o utiliza de inúmeras maneiras. Daí a possibilidade, e para nós exigência, de que cada geração reescreva a ou as histórias daqueles que a antecederam.*

Clarice Nunes, 1991

A institucionalização de uma nova modalidade escolar foi uma das faces do projeto republicano de modernização da sociedade. Considerado modelo de excelência da escola primária brasileira o grupo escolar, instalado primeiramente em São Paulo, em 1894, foi posteriormente difundido a outros estados brasileiros, como o estado do Paraná que em 1903 criou, na cidade de Curitiba, seu primeiro grupo escolar, o Grupo Escolar Xavier da Silva.

Concebidos de forma mais racionalizada e padronizada, os grupos escolares constituíram-se em “templos de civilização”, voltados à consolidação dos anseios republicanos de progresso e reforma social. A legitimação da nova forma escolar, organizada de acordo com o adiantamento dos alunos, ancorou-se em concepções tidas como modernas e racionais, contudo, conflitantes com outras, em voga no período (SOUZA, 1998).

Nesses tempos (primeiras décadas do século XX) de instalação dos primeiros grupos escolares no estado, os saberes escolares distribuídos em séries eram ensinados partindo da definição dos conceitos, do geral para o particular, tal como uma ciência pronta para ser aprendida partia-se do abstrato para o concreto. A matemática marcava presença na programação com a matéria denominada Aritmética que se destinava ao desenvolvimento das faculdades mentais como atenção, imaginação, memória, percepção que favoreciam a memorização de tabuadas, de fórmulas, de regras para aprender as operações, relacionando o racional à verdade, calcular “de cabeça” com precisão e rapidez depois de apreender os mecanismos convencionais das quatro operações.

No Paraná, a situação das escolas primárias era precária, como apontam os relatórios do início do século. “Na capital já temos três meios grupos, cada um com duas escolas de séries ou grãos diferentes: na Escola Tiradentes, na Escola Oliveira Bello e na Escola Carvalho. Há, por enquanto, um grupo completo em construção – o Grupo Escolar Xavier da Silva (PARANÁ, 1903, p.8)<sup>1</sup>

No relatório apresentado ao Secretário da Instrução Pública, em 31 de dezembro de 1914, o Diretor da Instrução Pública do Estado do Paraná, Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, informa sobre o que havia sido realizado em 2014, em relação à reorganização das escolas públicas do estado: “Reuni escolas systematisando e dividindo os trabalhos, por séries, entre os respectivos professores e confiando a um destes a função de director: formei, assim, o que em falta de melhor denominação, chamamos *grupos e semigrupos escolares*” (p. 3).

O Diretor informa que essas escolas não são organizadas como os grupos escolares de São Paulo que têm seção especial para meninos e para meninas. De fato, nos prédios nos quais foram instalados os primeiros grupos escolares de São Paulo foram previstos espaços, desde a entrada, salas de aula, recreios, para seriam ocupados separadamente por meninas e meninos. No caso do Paraná, os primeiros prédios destinados aos grupos foram dotados de amplos salões, para instalação das quatro séries, uma a cargo de cada professor; nas escolas que possuíam dois salões, os semigrupos, cada professor atendia duas séries.

Sobre as inovações introduzidas nos programas, dentre outras, são citadas: a sistematização de coisas, os exercícios próprios para a cultura dos sentidos e das faculdades do espírito, exercícios para a formação da vontade e do caráter, noções fundamentais e práticas de Moral, de Agronomia, de Hygiene e de Economia Privada e Política. Em relação aos materiais, o Diretor observa que os as escolas paulistas são dotadas de ricos materiais técnicos, importados da Europa e América do Norte e que no Paraná as escolas possuem materiais modestos, os mais necessários, sendo supridos pelas habilidades e boa vontade dos professores.

A busca pela modernização da escola primária pública foi um dos anseios dos intelectuais que formavam a Associação do Grêmio de Professores Públicos do Paraná, entidade dirigida por professores, a maioria docentes das principais escolas secundárias da capital, o Gymnásio e a Escola Normal. Uma das atividades da Associação era a publicação

---

<sup>1</sup> PARANÁ. *Relatório apresentado ao Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica pelo Dr. Victor do Amaral e Silva*. Curitiba/Pr: Typ. d’A República, 1903, 19p.

de um periódico, a revista “A Escola”, subsidiada pelo governo do estado e que divulgava, desde sua primeira edição, em fevereiro de 1906, notícias e artigos críticos sobre a escola primária do estado.<sup>2</sup>

Dentre os membros da Associação, destacava-se Dario Vellozo, fundador da revista e professor da Escola Normal, intelectual que se opunha ao ideário católico e aos dirigentes eclesiais. “O anticlericalismo foi um movimento intelectual que debateu as doutrinas religiosas, questionou as instituições, envolvendo a juventude, principalmente do Ginásio Paranaense e da Escola Normal, que dominou a imprensa” (ANDRADE, 2007, p. 195).

Inaugurando a revista A Escola, em fevereiro de 1906<sup>3</sup>, Sebastião Paraná<sup>4</sup>, laureado geógrafo e historiador do estado, lente do Gymnásio e da Escola Normal de Curitiba, afirma que no regime republicano, “a instrução se impõe e reclama prompta solução” (p. 1). Para o ilustre catedrático e redator da revista, um regime republicano não poderia descuidar da educação do povo, nele, ignorância e República se repeliam e uma instrução sólida requeria uma pedagogia moderna. Considerava que a escola primária, além de cuidar da formação do caráter da criança, ao desenvolver-lhe o raciocínio pouco deveria se importar com a memória, mas aquecer o coração e o espírito da criança com a realidade do país, levá-la a exultar-se com os triunfos e conquistas da Pátria e a lamentar seus desastres. Com essa mensagem fundadora, Sebastião Paraná conclamava professores, leitores da revista, a lutarem com ele na defesa de uma escola moderna.

Em sua primeira fase (1906-1910), o periódico constituiu-se em espaço para reflexão (e contestação) de questões educacionais locais, em defesa de um ensino laico, gratuito, expressão de uma prática de igualdade e liberdade. Assim, como os discursos oficiais inscritos nos documentos examinados, os emitidos pela revista trazem delineamentos sobre as finalidades dos saberes elementares a serem dispensados à população.

Além de divulgar posições de renomados educadores acerca da instrução e educação local, a revista traz a público relatórios de professores primários que esclarecem o que havia

---

<sup>2</sup> Na primeira fase da revista que começou em 1906 e terminou em 1910, foram publicados 25 números. A segunda fase, iniciada em 1921, teve apenas duas edições.

<sup>3</sup> PARANÁ. *Revista A Escola*. Órgão do Grêmio dos Professores Públicos do Paraná. 1906, Anno1, n.1, p. 1.

<sup>4</sup> Sebastião Paraná de Sá Sotto Maior, natural de Curitiba, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, professor catedrático de Geografia Geral e do Brasil no Ginásio Paranaense e na Escola Normal de Curitiba, Autor de inúmeros livros entre eles, *História do Paraná e O Brasil e o Paraná*, obra que alcançou vinte e duas edições.

de moderno na organização didático-pedagógica dos grupos escolares e como os programas de ensino novos métodos eram apropriados.

Uma crítica ao despreparo matemático da população brasileira, nas primeiras décadas do século XX, é endereçada à inutilidade de muita coisa que figura no programa; à forma como o professor conduz o ensino dessa matéria na escola primária e também ao espírito utilitário atribuído à instrução matemática nos primórdios do século XX.

Referindo-se ao utilitarismo “estrito” de considerar que quanto mais prático é o ensino da programático e o real atendimento às necessidades triviais da vida das pessoas. Segundo o autor, delegar à Aritmética a função restrita de utilidade imediata seria a causa primeira de seu insucesso.

As críticas do educador eram frequentes e quanto as tecidas ao ensino da Aritmética eram dirigidas tanto aos programas enciclopédicos em vigor, quanto aos métodos inadequados de ensinar, quanto ao utilitarismo imediato testemunhado em programas oficiais e manuais escolares.

Reduzido ao mínimo, esse preparo constitui a *instrução elementar*, que no menor gráo, nem chega a ser um preparo geral, sinão uma *iniciação no preparo geral*. Nestas condições — assim reduzida, a instrução primária tem de ser rigorosamente educativa para que chegue a ser efetivamente útil (BONFIM, 1917, p.105).

Na Aritmética das escolas primárias, além das operações fundamentais e sistema métrico decimal, eram incluídos raiz quadrada e raiz cúbica, questões de câmbio, dentre outros tópicos como dízimas periódicas que por não atenderem necessidades cotidianas dos alunos, eram apontados por Bonfim (1917) como responsáveis pelo alto índice de reprovações. O desafio, colocado ao ensino primário da época, era o de ultrapassar a oferta de um saber retórico, afastado da vida, compreendido como um simples rudimento e que não se mostrava útil à vida do cidadão.

Vestígios dessa almejada modernidade pedagógica estavam contidos no Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná de 1901, já mencionado, por exemplo, quando estabelecia que “caberia ao professor dar ao ensino o caráter essencialmente prático, tendo em vista as aplicações às necessidades da vida e a utilidade directa” (PARANÁ, 1901, p.101).

O número inaugural da revista “A Escola” também foi porta-voz dessa crítica ao divulgar o relatório de uma professora<sup>5</sup>, encaminhado em 22 de dezembro de 1905, ao Diretor da Instrução Pública do Estado, Dr. Arthur Pedreira de Cerqueira. No documento, a professora presta contas ao governo do estado como cumpria o programa na escola que dirigia, Escola Tiradentes, um dos primeiros grupos escolares instalados no estado do Paraná. Em relação aos saberes matemáticos, informa que seguia o livro “Arithmética Progressiva”, de Antonio Trajano<sup>6</sup> e a “Geometria Prática”, de Olavo Freire<sup>7</sup>, dois livros, que por longos anos foram utilizados em escolas primárias de inúmeros estados brasileiros. Dizendo ensinar para alunas mais atrasadas e mais adiantadas, afirma que aos sábados recorria ao modo mixto, auxiliada pelas alunas mais adiantadas, para recapitular a matéria.

Em relação aos métodos de ensino a professora informa:

Applicando umas vezes o methodo inductivo ou analytico e outras vezes o deductivo ou synthetico, procuro sempre tornar intuitivas e claras as explicações dadas, para que as alumnas possam assim comprehender, assimilar e reter a lição ministrada. Para as classes mais atrasadas, o methodo intuitivo é sempre de grandes vantagens. A lição partindo das partes para o todo, do simples para o composto, deve basear-se em princípios conhecidos e concretos, cumprindo abandonar por completo todo systema fundado em princípios abstractos. Manifesto-me ostensivamente contra o ensino ministrado exclusivamente pela memória em prejuízo das outras faculdades da intelligencia que assim sem exercicio, ficarão inevitavelmente atrophiadas. [...] “Saber de cor não é saber”, como acertadamente disse o eminente Montaigne, e assim pensando, procuro sempre ministrar as minhas alumnas verdadeira e sólida instrucção, aproximando o mais possível a vida escolar da vida real. (A ESCOLA, Anno 1, n.1, 1906, p. 14).<sup>8</sup>

Os relatórios da professora, publicados no periódico paranaense apontam características das modernas práticas de ensino da Aritmética da escola primária, relatos que sinalizam para as rupturas e transformações que a escola primária imprimia em suas finalidades para instruir e educar cidadãos.

### **Das finalidades da Aritmética da Escola Primária**

---

<sup>5</sup> D. Júlia Vanderley Pietrich, professora e posteriormente diretora da Escola Tiradentes, um dos primeiros grupos escolares criados em Curitiba, regia a primeira cadeira de 2º grau para o sexo feminino.

<sup>6</sup> TRAJANO, Antonio. *Arithmética Progressiva: curso superior, teórico e prático*. 32ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924.

<sup>7</sup> FREIRE, Olavo. *Geometria Prática*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1907.

<sup>8</sup> *Revista A Escola*. Órgão do Grêmio dos Professores Públicos do Paraná. Anno 1, n.1, 1906, p. 14.

No embate travado no início do século, entre intelectuais anticlericais, acerca da escola primária no estado, e testemunhado pela revista *A Escola*, encontram-se menções às finalidades de uma escola primária moderna, delineadas nas palavras de vários educadores, dentre eles, Dario Veloso, o ilustre professor da Escola Normal fala da necessidade de orientar a instrução com teoria e prática. Defende atributos do iluminismo como a razão, a ciência e a liberdade de consciência, enquanto garantia da autonomia intelectual do indivíduo. “Esse emancipar-se pela razão, libertando-se das opressões (igreja católica), fez com que ele elaborasse uma proposta que aliava a ciência e a moral ao civismo, formando assim, o tripé da educação progressista (ANDRADE, 2007, p. 197).

Considerava que o estado, ao facultar e facilitar a instrução e a educação permitia que o indivíduo se transformasse em “cellula consciente na collectividade”, armava-o para a luta pela vida e o retorno seria o progresso do Estado.

A instrução ministrada à infância e à juventude não satisfaz, não pode persistir sem graves prejuízos para nossos patrícios. É superficial, rhetorica, exhaurente, quase inútil. Não basta ensinar a ler, escrever e contar; não basta arrastar a juventude na amargura de complicadíssimas theorias amarfanhantes, sob alluvião de pormenores esmagadores; não basta INSTRUIR; é preciso EDUCAR: armar o indivíduo para a lucta e para a victoria. A *instrucção* é o *meio*, a *educação* é o FIM: o TERMO (VELLOZO, 1907, p. 107, *grifos do autor*)<sup>9</sup>.

Nesse artigo, Vellozo apelava para que a escola se aproximasse, o quanto possível, das próprias condições de vida, ressaltava a necessidade de melhor distribuir a matéria, muito mais do que reformular programas e regulamentos.

Sem tecer considerações específicas sobre a Aritmética, o autor faz uma crítica aos programas vigentes à época:

A reforma dos *regulamentos*, o clamor contra os *methodos* é insuficiente; mais adiantaria substituir os *programmas*, melhor distribuir as materias, selectadas com sobriedade e criterio. Por superiores que sejam os *methodos de ensino*, o professor está adstricto aos *programmas*, archaicos e tremendos, espalhafatosos, complexos e inassimiláveis. [...] A questão já não é só de *como ensinam*, mas, principalmente, *do que ensinam* (VELLOZO, 1907, p. 111, *com grifos do autor*).

---

<sup>9</sup>VELLOZO, Dario. Subsídios Pedagógicos: Da Instrucção Popular. PARANÁ. *Revista A Escola*. Órgão do Grêmio dos Professores Públicos do Paraná. Anno 2, nºs 8 e 9, 1907, p.110.

Endereçando a crítica aos programas e aos métodos, conforme termos sublinhados, o autor faz referência ao regulamento de 1903, para as escolas primárias do estado<sup>10</sup>, decreto que prescrevia normas para as escolas primárias do estado sendo a maioria, recomendações de ordem pedagógico-administrativa. O rol das matérias e os programas mantiveram-se sem alterações, em relação aos apresentados no regulamento de 1901. Entretanto, o Anexo 4 incluía uma lista dos livros indicados pela Congregação de Professores do Ginásio e Escola Normal para serem adotados na escola primária do estado. Para a Arithmética, os livros Arithmética Elementar e Arithmética Progressiva, de Antonio Trajano<sup>11</sup>. Observa-se que o segundo título indicado é o mesmo citado no relatório da professora Julia Vanderley, divulgado na revista *A Escola* e já mencionado anteriormente.

Em artigo publicado em março de 1908, terceiro ano da revista, Velozzo apresenta uma proposta de Escola Moderna, afirmando ser preciso defender um trabalho de mãos e cérebro, desde os primeiros anos escolares, “nem *theoristas* somente, nem somente *rotineiros*”[...] “*A escola actual* encaminha à burocracia; a *Escola Moderna*, dando utilitários ensinamentos, indica ao alumno a agricultura, o commercio, as artes e industrias”( *A ESCOLA*, Anno 3, n. 1, 1908, p. 8)<sup>12</sup>.

No ano seguinte, no artigo “Subsídios Pedagógicos”<sup>13</sup> (*A ESCOLA*, Anno 4, n°s 2 e 3, 1909, p. 47) Velozzo volta a tecer críticas à escola vigente e ao ensino ali ministrado. Trazendo idéias de pensadores como Chasteau, Compayré, Le Bom, Demolins, Spencer, dentre outros que segundo ele contribuíram para iluminar o assunto, ressalta a responsabilidade da escola em relação ao trabalho consciente e produtivo. “A produção cresce com o trabalho; o trabalho consciente e produtivo aprende-se nas escolas; não em pobres escolas rudimentares e primitivas, mas em escolas de organização moderna, utilitária e technica” (p. 49).

---

<sup>10</sup> PARANÁ. *Regimento Interno das Escolas Públicas do Estado do Paraná* (1903). Curitiba, Typ. da Penitenciária do Ahú, s.d.

<sup>11</sup> Sobre as obras de Trajano ver OLIVEIRA, Marcus Aldenisson. Antonio Bandeira Trajano e o método intuitivo para o ensino de Arithmética (1879-1954). Disponível em <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1769>. Acesso em 25 de janeiro de 2016.

<sup>12</sup> VELLOZO, Dario. Escola Moderna. *PARANÁ. Revista A Escola. Órgão do Grêmio dos Professores Públicos do Paraná.* anno 3, n.1, 1908, p. 8.

<sup>13</sup> VELLOZO, Dario. Subsídios Pedagógicos. Da instrução popular hodierna.

Defendendo a ideia de que a teoria ministrada na escola precisa encontrar aplicações práticas imediatas, afirma que nem o estado e nem o país cuidaram de adaptar o ensino público às necessidades de suas funções, econômica e cívica. Os programas deveriam seguir em desdobramento lógico, sem fracionamento, desde as escolas primárias aos cursos secundários.

A Escola Moderna concebida por Vellozo, como a alma do Brasil Cívico, deveria proporcionar mais que a teoria dos princípios morais, o conhecimento prático dos deveres, preparando a criança para realizar honestamente as obrigações todas da vida. Para ele, a questão não era apenas de ordem pedagógica, era também social e cívica, considerando que o utilitário intuitivo não era fator único de civismo.

Após cinco anos de sua criação, na edição de n°s 7 a 12, de 1910, é anunciada a extinção do periódico (p.349). Entretanto, uma nota na página 176 da edição de n°s 1 a 3, chama atenção do leitor:

Agora que, nos centros mais civilizados do Brazil, se cogita da criação de escolas nos moldes racionalistas da de Ferrer, não vem fora de proposito a lembrança de que esta ideia já existe no Paraná desde 1906, e que o provector educador Dr. Dario Vellozo, lente de História do Gymnasio, lançou as bases de sua Escola Moderna, admiravel instituto de ensino que mereceo a aprovação de consagrados mestres da velha Europa (A ESCOLA, n°s 1 a 3, 1910, p. 176).<sup>14</sup>

Curiosamente, essa nota é divulgada no mesmo número em que a revista publica dois artigos sobre o educador espanhol, Francisco Ferrer i Guardia<sup>15</sup> e uma poesia intitulada “O fuzilamento de Ferrer” (Injustiça).

A proposta de Escola Moderna do educador paranaense não se concretizou no estado, e as contundentes críticas que a revista *A Escola* emitia à escola primária vigente no estado, intensificadas por Vellozo a partir de 1907, possivelmente levaram à suspensão do periódico em 1910 e ao afastamento do intelectual de sua função docente. Somente em 1921, a revista volta a circular sob nova direção.

---

<sup>14</sup> Revista *A Escola*. Órgão do Grêmio dos Professores Públicos do Paraná. n°s 1 a 3, 1910, p. 176.

<sup>15</sup> O pedagogo espanhol Francesc Ferrer i Guardia foi um defensor das ideias educativas do pensamento livre e libertário do início do século XX. Apostava no ensino científico e racional, não subordinado aos imperativos da religião e do Estado. A Escola Moderna criada por ele em Barcelona foi fechada mas outras escolas racionalistas surgiram em outros países. Ver CARBONEL, J; SEBARROJA, J. C. [et al.]. *Pedagogias do século XX*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

No ano anterior à suspensão da revista, o governo aprovava um regulamento para as escolas primárias<sup>16</sup>, definindo uma nova estrutura compreendendo a Educação Infantil (1 ano), o Ensino Elementar (4 anos) e o Ensino Complementar (2 anos). O Art.74 informava sobre o caráter intuitivo e prático a ser dado ao ensino, em conformidade com os programas e métodos, autorizados agora pelo Conselho Superior do Ensino, órgão criado para decidir sobre assuntos pedagógicos da escola primária, dentre outros, definição de métodos e indicação de livros didáticos a serem adotados nas matérias.

De acordo com o novo regulamento, caberia ao professor desenvolver a inteligência das crianças por meio do ensino de cousas, sistematizar suas inclinações espontâneas para fatos concretos. Por indicação do Conselho recém-criado, os livros de Antonio Trajano que vinham sendo adotados desde 1903, para o ensino da Aritmética, seriam substituídos pelos livros de Souza Lobo.<sup>17</sup>

Análises realizadas por Valente (2015) mostram que livros didáticos muito utilizados nas escolas primárias brasileiras seguiam lógicas diferenciadas na proposição dos conteúdos programáticos: uma que considerava os saberes matemáticos como elementos e outra que os considerava como rudimentos. A primeira, herdeira da tradição científica, cuja racionalidade prima por apresentar os saberes, do mais simples ao mais complexo, em que o simples é que é o conteúdo inicial, o complexo é o que vem em seguida e que abarca vários elementos simples. A estrutura que organiza internamente o programa compreende uma lógica dos elementos, uma lógica racionalista que leva em conta o progresso do conhecimento e que visa instruir a partir do que é considerado pré-requisito um saber elementar se encontra na base e que avança para patamares superiores do conhecimento.

Outra lógica, a lógica dos rudimentos, tradição pedagógica que ordena os conteúdos partindo do fácil em direção ao difícil, sinaliza para um fim educativo do conhecimento, proveitoso para a vida prática, do dia a dia e que leva em conta os interesses dos que aprendem. Segundo Valente (2015) a ideia dos rudimentos está mais próxima das finalidades práticas, porém, mais distante das finalidades acadêmicas, da ciência, mais envolvida com o educar do que apenas instruir.

---

<sup>16</sup> PARANÁ, *Regulamento Orgânico do Ensino Público do Estado*, 1909.

<sup>17</sup> Segundo Valente (2015), a *Primeira Aritmética para Meninos*, de Souza Lobo, é “um texto emblemático para referenciar o método sintético para o ensino da Aritmética” (p.200), e *Aritmética Primária*, de Antonio Trajano, apresenta marcas tanto do método analítico quanto do método sintético.

Que rumo tomou a Aritmética no currículo da escola primária do Paraná diante do embate do método?

Em sua segunda fase, quando foi reaberta em 1921, a revista fornece minuciosas orientações aos professores sobre como trabalhar com o método intuitivo e utilizar as Cartas de Parker<sup>18</sup>, material em voga nos grupos escolares de São Paulo e cujo uso alastrava-se nos grupos escolares de todo o país. Tratava-se de um momento em que a organização do ensino primário no Paraná ganha novos contornos com a circulação das ideias da Escola Nova em que os debates educacionais centram a atenção no método e na modernização da escola primária. O programa oficial para os grupos escolares que desde a criação no estado dessa modalidade de ensino, estava em construção, foi finalmente publicado em detalhes como Programa do Grupo Escolar Modelo (PARANÁ, 1916)<sup>19</sup>, iniciativa que levou o estado a novos empreendimentos voltados a modernização da escola primária. Dentre eles, a contratação do educador paulista César Prieto Martinez, convidado no início dos anos 1920 a assumir a Diretoria da Instrução Pública do Paraná.

Com a oficialização do programa, escrito especialmente para os grupos escolares, a nova organização programática vai assumindo o método sintético em lugar do analítico, com atividades menos estanques e mais globalizadas, com matérias solidarizando-se para o alcance do espírito prático, a grande finalidade proposta para a escola primária.

Na Aritmética, como nas demais matérias do ensino primário, o método intuitivo que segundo Pestalozzi falava ao cérebro e ao coração do aluno, imperava soberano nas Lições de Coisas<sup>20</sup>, nas Cartas de Parker, configurando uma Aritmética ensinada de modo prático, de um jeito fácil para a criança aprender.

Diante dessa nova organização pedagógica do currículo, os saberes para ensinar Aritmética tornam-se mais complexos, passando a também requerer uma reestruturação do currículo de formação dos professores.

Face a necessidade do novo entendimento do prático, da passagem do “simples para o complexo”, os cursos de formação do professor deixaram de lado “a matemática para a vida” para incorporar saberes para ensinar “a matemática da vida”, ao ampliar o espaço

---

<sup>18</sup> No Paraná esse material marcou presença nas escolas primárias, de 1917 a 1950. Ver: PORTELA (2014).

<sup>19</sup> PARANÁ. Programa de Ensino e sua execução nos institutos públicos do curso primário. Curitiba, 2016.

<sup>20</sup> Sobre as “Lições de Coisas” ver VALDEMARIN (2004).

pedagógico do currículo, contou com a contribuição de Martinez acrescentando à formação, disciplinas de cultura profissional.<sup>21</sup>

Outras ações, igualmente promissoras para a modernização do ensino primário, foram as iniciativas de Martinez voltadas para a criação da escola modelo anexa à Escola Normal Secundária e a preparação dos professores para o uso das Cartas de Parker no ensino da Aritmética. Com o propósito de investir na formação do professor, o então Diretor modernizou a escola primária do estado, reiniciando a publicação da revista “A Escola” (1921)<sup>22</sup>, transformando-a em instrumento voltado ao desenvolvimento profissional e veículo de difusão de saberes para a modernização das escolas primárias do estado.

No artigo intitulado *Arithmética*, o autor P. M<sup>23</sup>, exalta o valor dessa matéria que considera indispensável para a vida prática, quaisquer que sejam as condições, afirmando que quando se trata do comércio, ela é a alma.

Dirigindo-se aos professores, recomenda que o ensino da matéria deve ser “o mais prático possível, intuitivo, racional e ainda graduado, visando não a acumulação da matéria, mas a eficácia do que for ensinado”. Recomenda que para evitar que o aluno se habitue a decorar compêndios e confie à memória aquilo que é exclusivo do raciocínio, o ensino deve ser intuitivo.

Para se obter um fim prático e útil, a matéria precisa ser tratada de modo inteligente, não mecânica em que o aluno não precise explicar o processo e os meios que dispõe para encontrar a resposta à questão colocada. Um ensino que permita ao aluno habituar-se a “refletir, deduzir, raciocinar diante de uma questão, examinar dados e estabelecer relações entre eles, examinar a natureza das operações” (p.19).

Para além da renovação dos métodos de ensino, a dinamização do espírito prático reafirma o bom uso do método intuitivo na escola graduada, priorizando a eficácia do que seria ensinado e o não acúmulo de matéria.

O legado deixado por Martinez, à educação paranaense, ao que tudo indica, buscou responder questões colocadas pelos intelectuais paranaenses na primeira fase da revista “A Escola”, relativas a modernização e finalidades da escola primária.

---

<sup>21</sup> Sobre transformações ocorridas na década de 1920, na Escola Normal do Paraná ver FRANÇA (2015).

<sup>22</sup> *Revista A Escola*. Órgão do Grêmio dos Professores Públicos do Paraná. Anno 1, n.2, 1921.

<sup>23</sup> P.M. *Arithmética*. *Revista A Escola*. Órgão do Grêmio dos Professores Públicos do Paraná. Anno 1, n.2, 1921, p. 19-20.

## Considerações Finais

Três premissas fundamentais, problematizadas sob o olhar da história das disciplinas escolares, por teóricos da história do currículo, contribuíram na construção dessa narrativa que buscou analisar relações de poder e disputas envolvidas na Aritmética do ensino primário paranaense, em um momento emblemático da história da escola primária brasileira, o limiar do século XX.

A primeira é que por estar em constante fluxo e transformação, o currículo não é algo fixo. Porém, por compreender permanências e rupturas ele não deve ser interpretado como um processo evolutivo, em contínuo aperfeiçoamento. É o que pode ser constatado na Aritmética do início do século, com o protagonismo do método intuitivo, como ressaltam os relatórios da professora Julia Vanderlei, publicados pela Revista “A Escola” e as intervenções realizadas por Martinez na escola primária do Paraná, orientando os professores como dar um sentido prático à disciplina Aritmética para esta alcançasse suas reais finalidades.

A segunda é que tratar historicamente do currículo não significa voltar-se ao passado com o intuito de saber como o conhecimento escolar se organizava de forma diferente do ensino atual. Como indica a primeira fase da Revista “A Escola”, com as manifestações de Dario Velozzo e demais intelectuais que defendiam a escola moderna, o importante é voltar ao passado para compreender as razões porque foram ensinados e legitimados determinados saberes e não outros.

Os debates em torno da modernização da escola primária, acirrados no Paraná no limiar do século XX, mostram a terceira premissa, ou seja, a que considera o currículo não como um campo pacífico, mas um processo constituído de lutas e conflitos, repleto de tradições, crenças, expectativas e visões sociais. Tanto os embates do início do século, travados entre os intelectuais paranaenses e as forças conservadoras ligadas à igreja católica, as intervenções de Martinez para modernizar o ensino primário do Paraná atestam que em diferentes tempos e espaços, particularmente em tempos de ocupação das terras paranaenses, seja nas mais modestas escolas do interior do estado, sejam nos modernos grupos escolares instalados em regiões mais urbanizadas, o ensino da Aritmética alimentou estreitas relações entre a cultura escolar e outras culturas como as religiosas, econômicas, auxiliando direta ou

indiretamente a manter a dimensão prática desse saber objeto de disputas de poder em diferentes períodos históricos.

A história do currículo de Matemática, relativa a qualquer nível e modalidade de ensino, encontra-se atrelada, não apenas a métodos e conteúdos, também às reformas educativas em cuja base mobilizam-se finalidades, intencionalidades, escolhas que incidem em possibilidades de acesso da população ao conhecimento sistematizado. Mas, também às ações de agentes educativos, principalmente dos professores que dão significado às reais finalidades de uma disciplina escolar ao colocar o currículo em ação na sala de aula.

No Paraná, a consolidação do modelo de escola graduada e seriada, disseminado a partir de São Paulo, foi um processo lento e nada pacífico desde a criação, em 1903, do primeiro grupo escolar do estado. A Revista “A Escola”, órgão do Grêmio da Associação dos Professores Públicos do Estado do Paraná acompanhou, desde sua primeira fase (1906-1910), o intenso debate sobre a modernidade da escola primária no estado e os dilemas surgidos em torno da educação científica x educação religiosa; cultura geral x cultura profissional; instrução x educação. Criticando fragilidades dos programas de ensino e a precária estrutura das escolas trouxe a público, relatos de exitosas experiências didáticas do ensino intuitivo além de uma ousada proposta de escola moderna, em que os saberes elementares eram pensados em termos de uma pedagogia libertária que rejeitava a moral religiosa predominante na sociedade. Em sua segunda fase o periódico ressurgiu para dar uma resposta à uma velha questão que em período anterior colocou em confronto a intelectualidade paranaense do período: que finalidades a Aritmética deveria alcançar em tempos da modernidade pedagógica trazida pela escola seriada e graduada?

Com o olhar voltado à modernização do ensino e para o alcance das reais finalidades do ensino primário, de modo especial para o ensino da Aritmética, Prieto Martinez, o então responsável pela Instrução Pública do estado, demonstrou que o sucesso de uma reforma não se faz sem um eficiente investimento no professor. Iniciativa que marcou sua intervenção educativa com a implementação de um programa detalhado para cada série do ensino primário, e com a Reforma da Escola Normal do estado, abrindo espaço no currículo para valorizar a cultura profissional do professor do ensino primário, redimensionar sua formação profissional tendo em vista garantir o grau de excelência da Aritmética dos primeiros anos escolares. Ações que para além das questões pedagógicas remetem às relações de poder que envolvem o currículo.

## **Referências**

A ESCOLA. Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado do Paraná. Curitiba/Pr: Anno 1, n. 1, 1906.

A ESCOLA. Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado do Paraná. Curitiba/Pr: Anno 3, n<sup>os</sup> 8 e 9, 1907. A ESCOLA. *Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado do Paraná*. Curitiba/Pr: Anno 3, n. 1, 1908.

A ESCOLA. Curitiba/Pr: *Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado do Paraná* Anno 4, n<sup>os</sup> 2 e 3, 1909, p. 46- 62.

A ESCOLA. Curitiba/Pr: *Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado do Paraná*. Anno V, n. 1 a 3, 1910.

A ESCOLA. Curitiba/Pr: *Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado do Paraná*. Anno V, n. 7 a 12, 1910.

A ESCOLA. Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado do Paraná. Curitiba/Pr: Anno 1, n. 1, 1921.

ANDRADE, Maria Lúcia de. Dario Vellozo e a escola moderna: a renovação do pensamento educacional no Paraná ( 1906-1918). In: VIEIRA, Carlos Eduardo (Org.). *Intelectuais, Educação e Modernidade no Paraná ( 1886-1964)*. Curitiba: Ed. UFPR, 2007, p. 191-217.

BONFIM, M. *Lições de Pedagogia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917.

CARBONELL, J; SEBARROJA...[et al]. (Orgs.). *Pedagogias do século XX*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, 1990, pp. 177-229.

FRANÇA, Iara da Silva. Do Ginásio para as Escolas Normais : as mudanças na formação matemática de professores do Paraná (1920-1936). *Tese (Doutorado em Educação)*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 2015.

FREIRE, Olavo. *Geometria Prática*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1907.

JULIA, D. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. LOPES, Alice Casemiro; MACEDO, Elizabeth (orgs.). *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 37-72.

NÓVOA, António. *Histoire & Comparaison (Essais sur l'Éducation)*. Lisboa, Educa, 1998. pp.51-84.

NUNES, Clarice. História da Educação: espaço do desejo. In: *EM ABERTO*. Brasília: INEP, março 1991, p. 37-45.

OLIVEIRA, Marcus Aldenísson. Antonio Bandeira Trajano e o método intuitivo para o ensino de Arithmética (1879-1954). Disponível em <http://repositório.ufsc.br/handle/123456789>. Acesso em 15 de junho de 2017.

PARANÁ. *Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná. 1901.* Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123700>. Acesso em 15 de junho de 2017.

PARANÁ. *Relatório apresentado ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral.* 1903. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/99762>. Acesso em 15 de junho de 2017.

PARANÁ. *Regulamento Orgânico do Estado do Paraná. 1909.* Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/9855>. Acesso em 15 de junho de 2017.

PARANÁ. Programa de Ensino e sua execução nos institutos públicos do curso primário. Curitiba, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123959>. Acesso em 15 de junho de 2017.

PORTELA, M.S. As Cartas de Parker na matemática da escola primária paranaense na primeira metade do século XX: circulação e apropriação de um dispositivo didático pedagógico. *Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Programa de Pós Graduação em Educação.* 2014.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola graduada no Estado de São Paulo (1890-1910).* São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

TRAJANO, Antonio. *Arithmética Progressiva: curso superior, teórico e prático.* 32ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924.

VALDEMARIN, Vera Teresa. *Estudando as Lições de Coisas: análise dos fundamentos filosóficos do Método de ensino Intuitivo.* Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Como Ensinar Matemática no Curso Primário? Uma questão de conteúdos e métodos. *Perspectivas da Educação Matemática.* UFMS, V.8, N.17, 2015, p. 196-207. <http://www.edumat.ufms.br>

VELLOZO, Dario. Subsídios Pedagógicos: Da Instrução Popular. PARANÁ. *Revista A Escola.* Órgão do Grêmio dos Professores Públicos do Paraná. Anno 2, n°s 8 e 9, 1907, p.110.

VELLOZO, Dario. Escola Moderna. PARANÁ. *Revista A Escola.* Órgão do Grêmio dos Professores Públicos do Paraná. anno 3, n.1, 1908, p. 8.

VELLOZO, Dario. Subsídios Pedagógicos. Da instrução popular hodierna. *Revista A Escola.* Órgão do Grêmio dos Professores Públicos do Paraná. Anno 4, n°s 2 e 3, 1909, p. 46- 62.

VIÑAO, Antonio. A história das disciplinas escolares. *Revista Brasileira de História da Educação.* SBHE. Campinas: Autores Associados, 2008, n.18, p. 174-215.



ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA  
Unioeste de Cascavel, 21 a 23 de setembro de 2017